

Da utopia à distopia: a formação de uma nação em um romance angolano¹

Sáran Vasque de Oliveira²

RESUMO: Este artigo tem por objetivo fazer uma análise do romance *A Geração da Utopia*, do escritor Pepetela, a partir, sobretudo, do elemento narrativo denominado espaço, vinculado ao contexto histórico – principalmente no que diz respeito ao período que circunda a Independência de Angola - subjacente ao texto em questão. Para tanto, analisaremos alguns excertos do romance tendo em vista, mormente, a trajetória espacial percorrida pela personagem Aníbal, o Sábio, de modo a demonstrar, principalmente, que através dessa personagem o autor angolano assimilou e narrou o desejo de uma geração que, de certo modo, sonhava uma nação justa, igualitária, independente, mas que logo, em virtude de longos anos de lutas, de conflitos e de guerra civil, decepcionou-se com o desfecho da utopia inicial. Dentro dessa perspectiva, *A Geração da Utopia* será analisada a partir do espaço e sua articulação indissociável com o tempo, assim como sob a ótica de alguns críticos que se propuseram a examinar e a comentar tal romance.

Palavras-chave: *A Geração da Utopia*; Espaço; Aníbal.

¹ Trabalho Final do curso *Repensar África* ministrado pelo prof. Dr. Nazir Ahmed Can, na UFRJ, 2016.

² Doutoranda (bolsista Capes) em Letras Vernáculas/ Literaturas Portuguesa e Africanas, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. E-mail: saranvasque@bol.com.br.

1. Introdução

A extensa produção bibliográfica de Pepetela (1941), escritor angolano que atuou ativa e representativamente nas lutas a favor da independência de Angola, sua terra natal, situa, muitas vezes, as adversidades enfrentadas pelo país, que ainda hoje é devastado pela miséria, por conflitos armados, pela desordem, pela corrupção e por muitas outras mazelas sociais.

Tal como ocorre com a produção de escritores africanos de língua portuguesa, principalmente os angolanos, os textos literários de Pepetela giram em torno da construção de uma identidade nacional, tema recorrente no sistema literário de sua pátria.

Nessa perspectiva, se a temática aproxima os escritores angolanos, temática que pretende, quase sempre, atestar e confirmar a construção de uma identidade nacional, através dos mais diversos gêneros, como contos, crônicas, poemas, romances e que tais, o que diferencia Pepetela desse sistema, e acaba por torná-lo singular, é a sua predileção, quase exclusiva, pelo romance, gênero mais utilizado pelo escritor como expressão literária.

Ainda que Pepetela tenha escrito peças e crônicas, em escala muito menor se comparada ao romance, a peculiaridade e a idiosincrasia do escritor angolano resultam da predileção, quase exclusiva, por longas narrativas para pensar a temática que, conforme assinalamos, se faz regular no sistema literário dos escritores angolanos, como ratifica Chaves (1999): “Se o tema central não singulariza Pepetela no interior do sistema literário angolano, há outro elemento capaz de marcar a sua diferença: ele é hoje o único nome quase que exclusivamente identificado com o romance como forma de expressão” (CHAVES, 1999, p. 218).

Dentre as longas narrativas, destacamos, sem a pretensão de apresentar uma ordem cronológica de publicação, como exemplo, algumas: *As Aventuras de Ngunga*, *Muana Puó*, *Mayombe*, *O Cão e os Caluandas*, *Yaka*, *Lueji*, *O Desejo de Kianda*, *Parábola do Cágado Velho*, *A Gloriosa Família*, *A Geração da Utopia* e outras mais. Para nós, neste artigo, interessa-nos este último romance apontado, intitulado *A Geração da Utopia*.

Publicado pela primeira vez em 1992, essa extensa ficção abre espaço para, de certo modo, documentar a realidade de Angola do período circunscrito entre 1961 e o início da década de 1990, recorte temporal que perpassa os anos anteriores e posteriores à independência do país, em 1975. Nesse sentido, o enredo do romance gira em torno do contexto histórico, social e político que circundou o país nesse intervalo temporal: *A Geração da Utopia* parte do contexto de guerra angolana para situar-se enquanto constructo literário. Tal foi a temática ficcionalizada por Pepetela e que representa, em certo sentido, o imaginário de uma geração que esteve envolvida no contexto político angolano, principalmente no que diz respeito ao período que cinge o processo de independência do país: a colonização, a luta pela independência, a independência e a guerra civil. Sobre esse aspecto, Gonda (2011) afirma:

Dividido em quatro partes, abarcando as décadas de 60, 70, 80 e o início dos anos 90, o autor constrói um painel histórico, numa espécie de saga da geração que vivenciou a guerrilha, a independência e a trágica guerra civil que dissipou o breve sonho de paz e liberdade [...] (GONDA, 2011, p.28).

Destarte, os espaços frequentados, os anseios, as lutas e os ideais dessa geração ganham visibilidade, uma vez que são recuperados por uma voz discursiva. Em outras palavras: o escritor Pepetela foi sensível ao compreender que cabe também à literatura registrar e discutir sobre os espaços sociais que encerram a memória de uma coletividade desse momento relevante na formação de uma sociedade angolana independente.

Mesmo que essa longa narrativa seja consumida e apreciada por um leitor menos atento, que da literatura busque apenas a fruição que ela pode deflagrar, o texto de Pepetela é capaz de sensibilizar, já que, de certa forma, aponta as incoerências e degradações sociais, as desilusões, bem como a utopia convertida em distopia de uma geração de intelectuais que se pretendia livre e democrática. Entretanto, entendemos ser indispensável considerar no romance, ainda que seja uma construção literária, os aspectos históricos e sociais da sociedade angolana do período assinalado, de modo a atribuir significados próprios e específicos do contexto em que a ficção se situa.

Sob essa ótica, cabe, neste artigo, considerar as marcas temporais e espaciais, elementos narrativos axiais desse romance, ou seja, pensar o espaço associando-o ao período histórico do enredo, tendo em vista, máxime, as transformações sociais e a trajetória espacial percorridas pela personagem Aníbal, de modo a extrair significados próprios na economia do texto. Assim, lembramos que, conforme DaMatta (1987) “o espaço se confunde com a própria ordem social de modo que, sem entender a sociedade com suas redes de relações e valores, não se pode interpretar como o espaço é concebido” (DAMATTA, 1987, p. 32). E acrescenta o mesmo estudioso que “não há sistema social onde não exista uma noção de tempo e outra de espaço” (DAMATTA, 1987, p. 35).

Deste modo, para analisarmos as marcas espaciais e temporais que perfazem *A Geração da Utopia*, principalmente no que diz respeito à trajetória espacial percorrida por Aníbal, consideraremos os valores sociais, morais e históricos da população angolana do período compreendido entre 1961 e os anos iniciais da década de 1990, intervalo temporal delineado no romance em questão:

Em *Mayombe*, romance destacado na obra de Pepetela, a luta de libertação é palco de glorificação de heróis nacionais, fenômeno que será relativizado em *A geração da utopia*, quando o mesmo autor procura fazer um balanço do período que vai do começo dos anos 60 até o tempo indicado como “a partir de julho de 1991” (CHAVES; MACEDO, 2007, s/p.)

2. Do contexto histórico subjacente ao romance: o período que circunda a independência de Angola

Apresentando um marca temporal explícita, o enunciado de *A Geração da Utopia* se desenvolve, como anteriormente assinalado, no período que compreende o ano 1961 e o sugestivo momento “a partir de julho de 1991”.

Trata-se, portanto, de um recorte temporal que contorna a independência angolana. Assim, Pepetela constrói uma ficção que se situa entre os últimos anos da colonização portuguesa até os anos subsquentes à independência do país. Esse cenário contempla, então, a transformação de uma utopia, que havia mobilizado uma geração que consolidou

a independência³, em uma distopia, já que os infortúnios sociais que se pretendiam elidir com a descolonização permaneceram quase inalterados, bem como outros foram surgindo, resultando na desilusão e na descrença dessa mesma geração que lutou pela independência:

Como sabemos, a independência significou não só o fim da opressão colonial, mas também o começo de uma série de novos problemas para o país. A situação de Angola é, até hoje, crítica em diversos níveis: a miséria, a corrupção já instalada de longa data, as lutas internas, os conflitos sociais, o analfabetismo, enfim, inúmeros obstáculos e circunstâncias, que não cabe aqui discutir, vieram frustrar uma série de expectativas em relação ao futuro da nação (SILVA, 1997, p. 84).

Assim, mesmo em tempos posteriores à independência do país, os diversos conflitos sociais e as condições precárias vivenciadas pelos angolanos não deixaram de existir, bem como outras adversidades foram surgindo com o fim da opressão colonial:

A independência não trouxe de imediato um início pacífico à consolidação de Angola enquanto nação, pelo contrário iniciou-se outra guerra, a Guerra Civil protagonizada pelo partido político no poder, o MPLA, e o partido político alternativo, a UNITA (ALVES, 2009, p.10).

Desse modo, mesmo após a independência angolana ter sido conquistada, muitos aspectos sociais críticos continuaram inalterados, assim como outros problemas sociais foram surgindo e acabaram por frustrar e decepcionar aqueles que acreditavam que com a descolonização o futuro do país seguiria rumos diferentes.

Torna-se, então, indispensável dizer que a biografia de Pepetela interfere, muitas vezes, na sua produção textual, já que ele teve grande participação no processo que levou à libertação, à independência de Angola.

A Geração da Utopia aponta ainda para um fundo histórico, já observado em outras obras suas (*Mayombe*, *Yaka*, *A gloriosa Família*): através da ficção, está a proposta de contar alguns períodos da História, não como observador passivo, mas como alguém que não só a vivenciou, como ajudou a construí-la. Ele faz parte dessa geração que, ao tomar a História nas mãos, dela se fizeram sujeito e não mais objeto (ABLAS, 2000, p. 260).

Nesse sentido, conforme afirma Gonda (2011), o autor e o cidadão mesclam-se, fundem-se, assumindo uma identidade única. Assim,

como político, integrou os quadros do Partido Comunista, participou da guerrilha, organizando o MPLA na luta anticolonialista. Como escritor, sua obra tornou-se um ponto de referência, uma raiz para a compreensão da realidade angolana, em toda a extensão de seus impasses e contradições (GONDA, 2011, p. 23).

E é justamente nesse ambiente da realidade social angolana também vivenciada pelo autor, transcorrido entre os anos finais da colonização até os anos posteriores à

³ Cf. CHAVES, 1999, p. 225.

independência, marcado, mormente, por conflitos armados, corrupção, miséria e outras incoerências mais, que o enredo de *A Geração da Utopia* se situa, repensando o passado colonial e o processo de descolonização.

Inserindo, então, no texto literário, aspectos próprios da experiência pessoal, bem como fatores histórico-sociais, “Pepetela firma o seu itinerário e organiza as linhas de uma obra onde se pode recolher fios expressivos da própria história de Angola” (CHAVES, 1999, p. 219).

Destarte, o enredo do romance supracitado tematiza os valores morais, históricos e sociais que perfazem a processo da descolonização angolana. Em outros termos: tal texto literário situará o tempo-espaço daqueles que participaram e vivenciaram os processos de independência do país. A respeito dessa assertiva, Dutra (2011) observa:

Pepetela acentua a preocupação com os novos valores externos que são impostos à cultura angolana. Esta alegoria nos remete às personagens de *A Geração da Utopia* (...) que passam a integrar a classe emergente que surgiu em Angola, no pós-guerra. Esta é composta essencialmente por membros da sociedade angolana que participaram e apoiaram o processo de Independência, mas que, posteriormente, abandonaram “docilizados”, no sentido empregado por Foucault, as convicções que os levava à luta pela libertação (DUTRA, 2011, p. 163)

Os seguimentos históricos que demarcaram o período em torno da construção de um país independente, assim como a geração que lutou por essa emancipação, ganham destaque e são ficcionalizados pelo escritor angolano. Sobre os aspectos factuais que se tornaram enredo do romance, Chaves (1999) comenta:

Durante essas três décadas, iniciou-se a luta armada pela independência, nasceu o país, ensaiou-se o projeto socialista, transcorreu a guerra de agressão movida pelo regime racista da África do Sul, intensificou-se a guerra civil entre o MPLA e a UNITA, assinaram-se alguns tratados de paz jamais concretizados na íntegra, optou-se pelo neoliberalismo, o multipartidarismo sucedeu o regime de partido único. As transformações foram sem sombra de dúvida extraordinárias e de tudo isso, em alguma instância, participou essa geração (CHAVES, 1999, p. 225-226).

Nessa perspectiva, podemos extrair desse texto de Pepetela, mesmo se tratando de ficção, a memória coletiva da geração que participou do processo de independência do país. Vale dizer que a respeito do termo “memória coletiva”, que se faz fundamental quando se pretende pensar os elementos tempo e, principalmente, espaço em uma obra literária, adotamos a explicação de Abreu que, fundamentado nos pressupostos estabelecidos por Halbwachs, afirma ser ela

(...) um conjunto de lembranças construídas socialmente e referenciadas a um conjunto que transcende o indivíduo. Halbwachs não cansa de enfatizar o caráter familiar, grupal, social da memória. Sem negar a importância à memória individual, para ele a capacidade de lembrar é determinada, não pela aderência de um indivíduo a um determinado espaço, mas pela aderência do grupo do qual ele faz parte àquele mesmo espaço: um espaço em que se habitou, um espaço em que se trabalhou, um espaço em que se viveu. Um espaço, enfim, que foi compartilhado por uma coletividade durante um certo tempo, seja ele a residência familiar, a vizinhança, o bairro, o local de trabalho (ABREU, 1998, p. 84).

Abreu afirma ainda que “a memória de um lugar, a memória de uma cidade, é, portanto, uma memória coletiva” (ABREU, 1998, p. 82). Nesse sentido, inferimos que os espaços percorridos pela geração que participou do processo da independência angolana, quer no real, quer na ficção, encerram, de certa forma, a memória coletiva do país. E serão tais espaços ficcionalizados, principalmente aqueles percorridos pela personagem Aníbal, objetos de nossa análise. Destarte, este artigo fundamentar-se-á, mormente, em apontar algumas passagens do romance em questão tendo em vista as marcas temporais e especiais que acompanham o percurso da personagem escolhida para estudo.

Nesse sentido, torna-se necessário explicitar as teorias que por nós serão adotadas, sobretudo no que dizem respeito ao elemento narrativo denominado espaço e sua relação indissociável com o elemento tempo, já que quando pensamos no espaço d’*A geração da Utopia*, enquanto ficção, consideramos essencial articulá-lo ao contexto histórico-temporal.

3. Do espaço-tempo como elemento fulcral da narrativa

O espaço, que se apresenta intimamente ligado ao tempo no romance *A Geração da Utopia*, pode ser considerado o elemento deflagrador dessa longa narrativa. Assim, o mapeamento geográfico delineado pelos pés das personagens que transitam, sobretudo, de Portugal a Angola, quer na capital desta, Luanda, quer na capital daquele, Lisboa, bem como em outros espaços que vão surgindo à medida que a narrativa se desenrola, apresenta-se como uma geografia real reconstruída em ficção.

Mesmo entendendo que o espaço se apresenta, muitas vezes, como termo axial em uma construção literária, como verificamos em muitas ficções africanas de língua portuguesa, os estudos que se destinaram a pensar e a definir os elementos da narrativa parecem, por vezes, desconsiderá-lo, ou melhor, parecem julgá-lo exíguo quando comparado aos demais.

Sobre esse aspecto, Antonio Dimas (1985) afirma que entre os estudos que se propuseram a pensar nos elementos narrativos constitutivos do romance, inumeráveis, uma vez que existe uma extensa produção crítica sobre esse gênero, têm, quase sempre, predileção por outros elementos, desconsiderando, muitas vezes, o espaço. Em outras palavras: dos muitos estudos que se destinam a comentar os elementos narrativos característicos do romance, o espaço é, quase sempre, preterido:

“No quadro da sofisticação crítica a que chegaram aos estudos sobre o romance, é fácil perceber que alguns aspectos ganharam preferência sobre outros e que o estudo do espaço ainda não encontrou receptividade sistemática. Não cabe discutir as razões dessa retração, mas sim apontar as linhas gerais que fluem para esse tipo de preocupação, desde as mais singelas e de mérito simplesmente ilustrativo até as mais elaboradas e, portanto, analítico-intrepretativas (DIMAS, 1985, p. 6).

Nesse sentido, diante de um campo teórico que não se apresenta extenso se comparado às pesquisas críticas designadas a pensar os demais elementos narrativos, optamos por adotar estudos considerados indispensáveis quando se pretende examinar o

espaço, que por nós é entendido como uma estratégia diegética, mormente quando associado ao tempo, no texto literário.

O geógrafo Milton Santos, sempre chamado à baila quando se pretende pensar em espaço geográfico, apresenta uma obra significativa no que diz respeito a tal elemento. Respaldo nas pesquisas desse estudioso, Abreu (1998) comenta que “o lugar é a extensão do acontecer solidário, entendendo-se por solidariedade a obrigação de se viver junto. O lugar é o *locus* do coletivo, do intersubjetivo” (ABREU, 1998, p. 82). Inferimos, então, que o lugar, que o espaço, abrange uma memória não individual, mas coletiva, compartilhada. Daí que quando pensarmos nos espaços transitados pelas personagens d’*A Geração da Utopia*, a memória coletiva real ficionalizada será considerada.

Moretti (2003)⁴ assinala que a natureza de determinado lugar “é de fato ‘um componente do acontecimento’; no sentido de que cada espaço determina, ou pelo menos encoraja, sua própria espécie de história”. Nesse sentido, “o espaço não é o ‘fora’ da narrativa, portanto, mas uma força interna que o configura a partir de dentro”. (MORETTI, 2003, p. 81).

Compreendemos, portanto, que o espaço pode ser, muitas vezes, o elemento desencadeador de um texto literário e, desse modo, o desenvolver da ação dramática depende, fundamentalmente, de onde a ação transcorre, conforme afirma Moretti (2003).

Como pretendemos observar o espaço tendo em vista a sua relação intrínseca com o elemento denominado tempo, um estudo que se torna indispensável em nossa pesquisa é o conceito de *cronotopo*, ou seja, o conceito de tempo-espaço proposto por Mikhail Bakhtin. Para ele, existe nas narrativas, sobretudo no gênero romance, uma ligação indissociável entre os elementos tempo e espaço. Nesse sentido, quando se pretende analisar um texto literário, os termos *cronos* (tempo) e *topos* (espaços) funcionam dialogicamente⁵: Desse modo, a integração entre tais termos caracterizam o *cronotopo* artístico:

À interligação fundamental das relações temporais e espaciais, artisticamente assimiladas em literatura, chamaremos cronotopo (que significa “tempo-espaço”). (...) nele é importante a expressão de indissolubilidade de espaço e de tempo (tempo como a quarta dimensão do espaço). Entendemos o cronotopo como uma categoria conteudístico-formal da literatura (...). No cronotopo artístico-literário ocorre a fusão dos indícios espaciais e temporais num todo compreensivo e concreto (BAKHTIN, 1998, p.211).

Bakhtin ainda acrescenta que “o tempo condensa-se, comprime-se, torna-se artisticamente visível; o próprio espaço intensifica-se, penetra no movimento do tempo, do enredo e da história” (BAKHTIN, 1998, p. 211).

Nesse sentido, o *cronotopo* artístico define-se, então, pelo cruzamento indissociável entre as esferas espaciais e temporais, adquirindo uma acepção essencial para os

⁴ Mesmo que o texto de Moretti (2003) reflita especificamente sobre o romance europeu oitocentista, acreditamos que suas considerações a respeito desse elemento sirvam como fonte de pesquisa para os estudos destinados a considerar o espaço.

⁵ O termo aqui adotado refere-se a um conceito também estabelecido por Bakhtin. Em poucas palavras, tal conceito significa, grosso modo, processo de interação, de diálogo entre textos na polifonia. Isso significa dizer que um texto é entendido através de uma interação com outros discursos.

gêneros literários. Assim, fundamentado no conceito bakhtiniano de cronotopo, Pereira (2015) reitera:

Para o crítico russo, há nas narrativas uma interligação indissociável das relações temporais e espaciais. Com isso, ele propõe para a análise do texto ficcional em prosa a noção de cronotopo segundo a qual tempo (cronos) e espaço (topos) funcionam dialógicamente no romance (...) (PEREIRA, 2015, p. 90).

Depois de apontar a fundamentação crítica que norteia nossa pesquisa, tais conceitos e designações do espaço, sobretudo o bakhtiniano de cronotopo, serão considerados quando analisarmos *A Geração da Utopia*, enquanto ficção, principalmente quando pensarmos na trajetória espacial de Aníbal, já que entendemos que o espaço e o tempo fazem parte de um todo indissociável na mesma medida que encerram uma memória coletiva, compartilhada.

4. Da trajetória tempo-espacial cursada por Aníbal, o Sábio.

N' *A Geração da Utopia*, quer implicitamente, quer explicitamente, existem diversas referências às marcas tempo-espaciais. Quanto ao tempo, o enredo do romance é cronologicamente extenso. O período abarcado pelo texto é dividido em quatro longos capítulos, significativamente datados: “A casa (1961)”, “A chana⁶ (1972)”, “O polvo (abril de 1982)” e “O templo (a partir de julho de 1991)”.

Quanto aos espaços, diversos, inferimos que cada qual se encontra intimamente ligado ao tempo, não podendo, portanto, ser desconsideradas as marcas temporais. Em outros termos: em *A Geração da Utopia* tempo e espaço se fundem em um todo significativo.

Assim, no primeiro capítulo, que se situa ao redor dos anos 1961, o espaço principal é a cidade de Lisboa. Praças, ruas e bairros da capital portuguesa são ficcionalizados. É relevante dizer que há, nesse capítulo, um espaço muito frequentado pelas personagens, a Casa dos Estudantes, um ambiente de discussões sobre o movimento de luta, um “centro da revolução africana em Lisboa” (PEPETELA, 2013, p.28). O segundo capítulo, intitulado “A chana”, desenrola-se, cronologicamente, por volta dos anos 1972. O cenário⁷ principal é Angola, em um contexto de confronto e de luta armada. Por sua vez, no terceiro capítulo, “O polvo”, o espaço substancial é a praia da Caotinha, em Benguela, Angola, por volta de 1982. Por fim, no quarto e último capítulo, demarcado temporalmente como “a partir de julho de 1991”, o espaço-destaque é Luanda.

Como dito, o tempo e o espaço assumem papel relevante no romance. Nesse sentido, torna-se indispensável dizer que os dois primeiros capítulos, fortemente representados por espaços de ideias e de lutas, situam-se no período anterior à independência angolana. Em contrapartida, nos dois últimos, o enredo aborda o período

⁶ Palavra que significa savana.

⁷ Sabemos que muitos pesquisadores fazem distinções entre os termos espaço, ambiente, cenário e que tais quando pretendem estudar os componentes do romance. Entretanto, estamos utilizando tais termos como sinônimos, sem preocupação em distingui-los, de modo, apenas, a garantir a coesão textual.

posterior à descolonização, marcado por espaços que refletem o desencanto, a distopia de uma geração.

Dos espaços que atravessam e se diluem no tempo, quer no momento anterior à independência, quer no momento subsequente a ela, acompanhamos as transformações vivenciadas pela geração angolana que participou das lutas pela formação de uma nação. Concordamos com Chaves (1999) ao afirmar que:

o romance expressa estruturalmente as hesitações, as angústias, as atormentadas vivências no interior de um processo cercado pelos perigos que não se extinguiram com o fim do colonialismo português. Os abalos na cronologia, com a incorporação do ritmo às vezes alucinado da memória, materializam-se no uso do discurso indireto livre, na intromissão desordenada de um narrador que se aproxima, se afasta, se mistura ao narrado, como um reflexo das contradições que atravessam os atores dessa História (CHAVES, 1999, p. 227-228).

Quanto ao espaço-tempo de Aníbal, o Sábio, personagem escolhido para pensar esse conceito na obra, constatamos ser diverso em cada parte do romance, uma vez que o mapeamento geográfico trilhado pelos pés da personagem atravessa o processo de preparo, de conquista e de liberdade relacionados à independência do país africano.

No primeiro capítulo aparecem os protagonistas que irão circular, no desenvolver da ação dramática, por espaços distintos em épocas igualmente diversas, e que anseiam um mesmo ideal: “as personagens Vítor, Aníbal, Malongo, Sara e Elias são estudantes angolanos em Portugal que, embora não comunguem a mesma ideologia, acreditam na possibilidade de libertação de Angola e na construção de um estado equitativo” (CHIARI, 2012, s/p.).

Conforme atesta Chaves (1999), essa parte do romance é marcada pelo olhar feminino de Sara, uma jovem idealista e sensível ao meio que frequentava e que acreditava que somente com o fim do colonialismo português, a sua pátria, Angola, tornar-se-ia mais justa e igualitária. Ela partilha dos meios anseios e ideais progressistas de Aníbal, que se revela, nesse momento e nesse espaço, Lisboa dos anos que circundam 1961, um jovem idealista e de posições progressistas, “sempre agarrado aos livros e às ideias” (PEPETELA, 2013, p. 56).

Nesse capítulo, Aníbal foi considerado desertor de Portugal, uma vez que decide largar a função de aspirante miliciano, serviço militar obrigatório no exército português, de modo a lutar pela até então colônia portuguesa, Angola, atravessando Lisboa até chegar à França, país visto “aos olhos de todos como a terra prometida, da liberdade absoluta” (PEPETELA, 2013, p. 123).

Esse primeiro capítulo representa uma geração unida por um mesmo ideal, a libertação angolana da colônia portuguesa, conforme comentam Ferreira e Pereira (2015):

Assistimos a toda uma geração que se mostra encantada com o levante de uma revolução e tomada de coragem para conferir novos significados à sua nação. A expectativa por ver Angola liberta do jugo colonialista e da exploração cada vez maior do regime político ditatorial, impingido por Salazar, fez com que vários jovens intelectuais, tomados fundamentalmente pelos ideais do socialismo, ficassem unidos para denunciar os horrores impostos pelos portugueses no território angolano (FERREIRA, PEREIRA, 2015, p. 88).

Esse espaço europeu contém em si as promessas libertárias vinculadas à França, como também é o espaço da metrópole da qual os angolanos querem se libertar. Não custa lembrar que a mesma França havia se defrontado alguns anos antes com a guerra de independência da Argélia, que se deu em 1962. Convém lembrar, ainda, que o ano 1961 é o ano que marca não apenas a deflagração da luta armada em Angola, bem como, simbolicamente, é o ano de morte de Fanon, intelectual e guerrilheiro de grande influência na luta revolucionária nas antigas colônias. O romance faz alusão a esses aspectos:

E o sucesso foi ainda maior quando, depois do almoço, foram para o salão da Casa conversar. Muitos prescindiram do habitual café para ficarem no papo com a francesa. Que se revelou adepta do FNL argelino, tinha mesmo chegado a militar num grupo de apoio a independência de Argélia (PEPETELA, 2013, p. 76).

A França era o Éden, o generoso lugar de asilo para todos os perseguidos, o reino da tolerância e do mel, Paris, apenas conhecida pelos filmes, era a Babel para onde convergiam os contestatários de todos os quadrantes, os humilhados de todas as gerações. Os angolanos olhavam para Paris, mesmo sem o ousar dizer (PEPETELA, 2013, p. 92).

-Há vários livros antropólogos sobre África e alguns sobre Angola. (...)
-(...). Também há alguns em francês. De Frantz Fanon. Já ouviste falar?
(...) Denuncia da forma mais violenta o facto colonial. Mas está descansado, ainda vai dar muito que falar. É absolutamente indispensável ler Fanon, para entender o presente e o futuro dos nossos países. Ele é antilhano, médico, mas está com os argelinos na sua luta pela independência. Diz por exemplo que só a violência do colonizado pode fazer ultrapassar o complexo de inferioridade que o colonizador lhe inculcou. O colonizado só pode adquirir uma personalidade de homem livre se exercer a violência (...) (PEPETELA, 2013, p. 95-96).

No segundo capítulo, “A chana”, o espaço é a luta armada, um espaço de guerrilha e de confronto, cujos personagens centrais são os guerrilheiros, como Aníbal, que, no espaço de luta, adquiriu o epíteto de Sábio, muito em virtude de se expressar sempre em defesa do povo. Dos passos trilhados durante os anos de luta, atravessou diversos espaços de Angola. Ademais, teve de fazer um curso militar na União Soviética, em 1974, regressando a sua pátria somente em 1975. Assim, na mesma medida que os seus passos vão sendo alterados, observamos os espaços internos de Sábio sendo modificados. Isso significa dizer que à proporção que o enredo se desenvolve, o Aníbal idealista e revolucionário do primeiro capítulo vai se transformando em um guerrilheiro reticente e descrente, tomado de dúvidas, questionamentos e incertezas:

- Quantos mortos nesta guerra? Quantos lares abandonados? Quantos refugiados nos países vizinhos, quantas famílias separadas? Para quê? Quando penso nos sofrimentos somados de todos, nas esperanças individuais destroçadas, nos futuros estragados, no sangue, sinto raiva, raiva impotente, mas contra quê? (PEPETELA, 2013, p. 169).

As indagações da personagem parecem ecoar o conhecido *Mar Português*, de Fernando Pessoa. Se no poema português⁸ a resposta, no discurso do colonizador, para

⁸ Alusão ao poema *Mar Português*, de Fernando Pessoa, sobretudo aos versos “Ó mar salgado, quanto do teu sal/ São lágrimas de Portugal!/ Por te cruzarmos, quantas mães choraram,/ Quantos filhos em vão rezaram!/ Quantas noivas ficaram por casar/ Para que fosses nosso, ó mar!”

tais inquietações e angústias relativas às conquistas de guerra é “Tudo vale a pensa/ Se a alma não é pequena/ Quem quer passar além do Bojador/ Tem que passar além da dor”, na voz do colonizado, em contrapartida, os infortúnios parecem resultar em uma distopia.

Dessa maneira, observamos que o ideário otimista inicial que movimentou muitos jovens em defesa da liberdade colonial se torna, aos poucos, enfraquecido nesse ambiente de luta:

O otimismo que mobilizou tantos jovens para a luta cede lugar para sérias críticas em relação ao movimento revolucionário cujo ideário começa a ser colocado em xeque. (...) Os interesses particulares vão ganhando espaço, em detrimento de ideais políticos, e então podemos perceber que a luta por uma coletividade já começa a deixar de ter sentido para muitos dos que sonharam com ela, como fica evidente no final de *A chana* (FERREIRA, PEREIRA, 2015, p. 88).

Assim, a utopia que mobilizava uma geração dá lugar à desilusão, à descrença e à desesperança: “o desencanto parece chegar antes do fim da guerra de libertação e o discurso do narrador não oculta o sentimento de frustração a preannunciar a descrença. O clima favorável à identidade dos primeiros tempos da luta se dilui”(CHAVES, 1999, p. 228).

Já no terceiro capítulo, Aníbal apresenta-se como personagem central da narrativa. Conquistada a independência, nosso protagonista encontra-se exilado em uma praia angolana. Assim como os tempos são outros, o espaço igualmente é divergente dos transitados outrora.

Se no primeiro capítulo, sobretudo na região de Lisboa no período anterior à independência angolana, ele se revela um jovem ativo e disposto a lutar em prol do fim do colonialismo português, aqui, de modo diverso, torna-se descrente com o quadro coletivo que se formara, marcado por oportunismo, incoerências e leviandades sociais. Daí que os espaços físicos percorridos pela personagem, passando por Lisboa, França e outros mais até chegar a Caotinha, durante o período que contornou as lutas pelo fim da opressão colonial, a conquista da descolonização e o pós-independência, desencadearam mudanças em seus espaços internos, que acabaram por levá-lo ao exílio voluntário em uma praia, bem como ao *insilio*, muito em virtude de ele se sentir desconfortável, desajustado em sua terra natal.

Sobre esse conceito, *insilio*, Can (2016) o define como “o exílio dentro de casa, ou o *insilio*, termo em língua espanhola que designa o estranhamento vivido dentro da própria pátria” (CAN, 2016, p.76). O estudioso acrescenta:

Para Illánz, o indivíduo que opta pelo *insilio* é aquele que está sem estar completamente na própria pátria. Esta se lhe apresenta distante, do ponto de vista do “destino”. Por isso, um dos traços do *insilio* é o silêncio. Ou, quando muito, um discurso traduzido, malversado, revisto ao extremo para que não se revele as pegadas de seu fundamento original. Enquanto expressão de uma identidade vulnerável, o *insilio* é uma memória reprimida, a cultura de uma consciência em perda (CAN, 2016, p. 80).

Nessa perspectiva, observamos que Aníbal prefere se exilar, ainda que na sua pátria, em uma casa de pouco acesso, saindo dela e tendo algum tipo de contato social somente quando necessário, rodeado apenas das coisas de que mais gosta, “os morros, a casa, esta árvore, os peixes, o mar, as algas, os recifes, os caranguejos, os pássaros, as formigas” (PEPETELA, 2013, p. 249), já que não compactuava com o desenlace do

sistema que se constituía após a tão desejada descolonização, marcado por corrupção, oportunismo e outros infortúnios mais.

Tal desencanto pode ser observado no discurso pessimista de Sábio: “Não temos futuro, nem representamos o futuro. Já somos o passado. A nossa geração consumiu-se. Fez o que tinha a fazer a dado momento, lutou, ganhou a independência. Depois consumiu-se. É preciso saber retirar-se, quando se não tem mais nada para dar” (PEPETELA, 2013, p. 260).

Ademais, observamos, nas palavras do próprio Aníbal, a síntese de uma geração que, depois de percorrer muitos espaços e, de certo modo, superá-los, vê enfraquecida a utopia inicial:

- Isso de utopia é verdade. Costumo pensar que a nossa geração se devia chamar a geração da utopia. Tu, eu, o Laurindo, o Vítor antes, para só falar dos que conheceste. Mas tantos outros, vindos antes ou depois, todos nós a um momento dado éramos puros e queríamos fazer uma coisa diferente. Pensávamos que íamos construir uma sociedade justa, sem diferenças, sem privilégios, sem perseguições, uma comunidade de interesses e pensamentos, o Paraíso dos cristãos, em suma. A um momento dado, mesmo que muito breve nalguns casos, fomos puros, desinteressados, só pensando no povo e lutando por ele. E depois tudo se adulterou, tudo apodreceu, muito antes de se chegar ao poder. Quando as pessoas se aperceberam que mais cedo ou mais tarde era inevitável chegarem ao poder. Cada um começou preparar as bases de lançamento para esse poder, a defender posições particulares, egoístas. A utopia morreu. E hoje ainda cheira mal, como qualquer corpo em putrefação. Dela só resta um discurso vazio (PEPETELA, 2013, p. 245-246).

Assim, sob o pretexto de capturar um polvo, animal que nomeia o capítulo em questão, Aníbal se retira no intuito de destruir esse molusco que o importunara na infância e que se revela como uma espécie de entidade mitológica, conforme entende Chaves (1999):

Dando continuidade a um episódio contado por ele a Sara, no primeiro capítulo, Aníbal que, orientado pelo seu desencanto retira-se para a praia da Caotinha, mergulha naquelas águas sempre mobilizado pelo desejo de reencontrar o polvo, o enorme polvo que sua memória convertera em entidade mitológica. Para aquele pedaço do país, afastado da capital e de qualquer centro de decisão, fica transferido o palco onde se vai dar um grande combate, o combate de um homem disposto a preservar-se inteiro com seus próprios monstros, com seus medos e seus limites. (CHAVES, 1999, p. 229).

Concordamos com Dutra (2004) quando entende que o confronto com o polvo, ocorrido nesse espaço-tempo de Aníbal, ou seja, na mesma praia que visitara quando criança, porém anos depois, significa, em certo sentido, um retorno ao passado. Tendo, então, o animal se revelado muito menor do que aquele conservado em sua lembrança pueril, “a desmistificação do polvo, em decorrência, fez vir à tona a consciência de que tudo estava perdido, pois embora Angola estivesse liberta da opressão colonial, os ideais revolucionários não se consolidaram como haviam sido engendrados” (DUTRA, 2004, s/p.).

E é justamente em virtude desse desencanto, já que tudo “estava perdido”, que observamos, nesse terceiro capítulo, os espaço-tempos trilhados por Aníbal mais

modificados, da casa dos estudantes até a praia em Benguela, da mobilização pela independência até a fase ulterior a ela. Assim, de guerrilheiro utópico, agarrado aos livros e às ideias até o exílio em uma praia pouco frequentada, armado apenas de um arpão para caçar⁹ peixes, os espaços percorridos por Aníbal, que desencadearam transformações físicas e psicológicas, relacionam-se, intimamente, às contradições que circundaram o processo de descolonização.

De jovem idealista e revolucionário a homem desiludido e distópico, Aníbal percorreu espaços distintos, em épocas igualmente diversas, mudando hábitos e comportamentos, muito em virtude do desfecho incoerente resultante do fim da colonização portuguesa.

Até exilar-se no litoral angolano, Aníbal foi, paulatinamente, alterando seu espaço social e corporal, na mesma medida em que foi modificando os espaços físicos pelos quais circulava, arrefecendo seu ímpeto revolucionário-utópico que o acompanhava nos anos iniciais da narrativa.

Se acompanharmos a travessia espacial-temporal na narrativa, indo da Casa dos Estudantes nos primeiros anos da década de 1960 até a praia angolana, em 1982, observamos que os espaços de Aníbal foram sendo transformados: substituiu o uniforme de guerrilha por bermuda e chinelos; os livros pelo arpão; conversas revolucionárias por assuntos triviais; o convívio com jovens revolucionários pelo contato com vizinhos conformados com suas condições. É, portanto, nesse espaço-tempo, a Caotinha do pós-colonialismo, que Aníbal testemunha a ruína da utopia que mobilizou uma geração, assim como nós testemunhamos, igualmente, as transformações tempo-espaciais sofridas pela personagem:

Defronte ao mar de Benguela, a personagem Aníbal, o Sábio, guerrilheiro e idealista, constata a falência da utopia que embalara o sonho da independência já conquistada, mas que manteve a relação de opressão ao povo, desta vez, feitas pelas mãos angolanas dos guerrilheiros que se esqueceram dos ideais que os levaram à revolução (DUTRA, 2004, s/p.).

Por fim, torna-se indispensável dizer que, conforme atesta Ablas (2000), essa divisão do romance, tão marcada pelas visíveis transformações espaciais vivenciadas pelo Sábio, revela-se, também, como um capítulo de reencontros: o reencontro de Aníbal consigo mesmo, o reencontro dele com seu passado, bem como o reencontro com Sara:

Este é um capítulo de reencontros: o do homem consigo mesmo, o do homem com um pesadelo do passado – emblematizado na figura do polvo – quando faz um mergulho literal para matá-lo e o do homem com a mulher. O reencontro com Sara

⁹ Optamos por utilizar a expressão “caçar peixes” – e não pescar-, tal como ela aparece no romance, uma vez que a personagem se entendia caçador e não pescador: “Era caçador, não pescador. Diferença cultural enorme. Embora os economistas misturem tudo no mesmo grupo de atividade extrativa, pensou ele, a atitude é outra. O pescador fica fora do meio do peixe, ou numa praia ou um barco. Invade o meio do peixe com uma arma, rede ou anzol, apenas a arma entra nesse meio. O caçador penetra no meio marítimo, arrisca o corpo a corpo, usa a arma contra um adversário-vítima determinado que vê e respeita. Os dois matam, mas o pescador mata sem sequer pensar nisso. O caçador mata, consciente do que faz” (PEPETELA, 2013, p. 233-234).

marca a consumação de um amor platônico, sublimado anteriormente em função de outro, se não maior, mais urgente: aquele que, exercitado na guerrilha, traduzia o amor pelo seu país. (ABLAS, 2000, p. 261-262).

No quarto e derradeiro capítulo, a ação dramática se desenvolve em Luanda, em um tempo demarcado, como dito, “a partir de julho de 1991”. Aqui, o desfecho da narrativa é marcado, mormente, por uma descrença total em um sistema político-social equitativo. Nele transitam personagens notoriamente oportunistas e mesquinhos, reflexo de uma Angola pós-independente. A utopia defendida pelos jovens Aníbal e Sara, nos tempos-espacos anteriores à independência, vai se desintegrando, diluindo, à medida que os anos avançam e que o espaço se altera, revelando um profundo desencanto.

O Capítulo finda com a edificação da “Igreja da Esperança e Alegria do Dominus”, uma vez que em uma sociedade constituída por pessoas sem valores, “as pessoas viram-se para a religião, qualquer que ela seja, precisam acreditar nalguma coisa” (Pepetela, 2013, p. 373). Assim, de uma nação que se pretendia igualitária, vemos a formação de um país em decomposição:

-A sociedade está doente. As pessoas perderam os valores morais, para elas a vida do outro não conta para nada. Precisamos de trabalhar muito para lhes dar novos valores.

- O problema é que não confiam nas autoridades, o Estado caiu em descrédito absoluto. Fazem logo justiça com as mãos deles, porque não confiam que o Estado o faça. Matar um tipo porque roubou qualquer coisa... (PEPETELA, 2013, p. 365).

5. Considerações Finais

Os espaços percorridos por Aníbal representam, metonimicamente, a história de preparo, de luta, de liberdade individual e coletiva e de desencanto que, simbolicamente, acompanhou Angola no processo do fim do colonialismo português.

Assim, através da leitura do texto de Pepetela, perpassando espaços e tempos diversos, observamos um sentimento de pessimismo associado a uma utopia fragmentada atravessar o romance, muito em virtude da rigidez de um sistema que se revelou contrário ao ideário de uma geração: “tal como a história do país que ajuda a fazer e a contar, a obra de Pepetela redimensiona-se e ao pessimismo trazido pela derrota juntam-se algumas franjas da utopia despedaçada pela dureza de um contexto hostil” (CHAVES, 1999, p. 232).

Entretanto, vale dizer, aparecem, no último capítulo do livro, as personagens Judite e Orlando, jovens formados numa Angola já independente, que talvez possam levar a uma interpretação menos desalentadora do que aquela que a crítica vem apontando. Se o resultado do processo político e social em Angola pode conduzir ao desalento, a ficção, ao menos, abre-se ao desfecho no sentido de apontar uma perspectiva diferente. Nesse sentido, concordamos com Ferreira e Pereira (2015) quando afirmam que, ainda que *A geração da utopia* expresse um sentimento de desencanto, existe a possibilidade de uma esperança através dos jovens Sara e Orlando, que “criticam quaisquer formas de alienação e se agarram à esperança de um futuro melhor para a nação angolana”. (FERREIRA; PEREIRA, 2015, p. 90).

Referências

ABLAS, M. de Nazaré Ordonez de S. **A geração da utopia**. São Paulo: Via Atlântica (USP), 2000. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dlcv/posgraduacao/ecl/pdf/via04/via04_22.pdf>. Acesso em: 16 de jan. 2017.

ABREU, Maurício de Almeida. *Sobre a memória das cidades*. In: **Revista da Faculdade de Letras – Geografia I, vol. XIV**. Porto: Universidade do Porto, 1998, p. 77-97. Disponível em: <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/1609.pdf>>. Acesso em: 15 de jan. 2017.

ALVES, Estefânia Isabel Lemos. **Jaime Bunda, agente secreto e Jaime Bunda e a morte do americano: a crítica político social através da desconstrução paródica da narrativa fílmica bondiana**. Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa, 2009. Disponível em: <http://docs.di.fc.ul.pt/bitstream/10451/1715/1/21684_ulfl071261_tm.pdf>. Acesso em: 09 de jan. 2017.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética**. São Paulo: UNESP, 1998.

CAN, Nazir Ahmed. **Alter-idade em casa. O exílio interno no romance moçambicano**. Mulemba. Rio de Janeiro: UFRJ, 2016.

_____. **Geo-grafias africanas contemporâneas: pactos e impactos do espaço nas literaturas de Angola e Moçambique**. Curso ministrado na disciplina *Repensar África* (código LEV 894) do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas. Faculdade de Letras/UFRJ, 2º semestre de 2016.

CHAVES, Rita. **Pepetela: romance e utopia na história de Angola**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1999.

CHAVES, Rita; MACEDO, Tânia. *Caminhos da ficção da África portuguesa*. In: **EntreLivros**, 2007. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/entrelivros/reportagens/caminhos_da_ficcao_da_africa_portugues_a.html>. Acesso em: 19 de jan. 2017.

CHIARI, Gisele. **A geração da utopia: da construção ao questionamento da identidade nacional**. Campina Grande: XIII Encontro da Associação Brasileira de Literatura Comparada, 2012. Disponível em: <<http://www.abralic.org.br/anais-artigos/?id=43>>. Acesso em: 07 de jan. 2017.

DAMATTA, Roberto. **A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987.

DIMAS, Antonio. **Espaço e romance**. São Paulo: Bomlivro: 1985.

DUTRA, Robson Lacerda. **Literatura e Nação: Pepetela e a história de Angola**. Rio de Janeiro: Revista de História Comparada, 2011. Disponível em: <http://www.hcomparada.historia.ufrj.br/revistahc/artigos/volume005_Num001_artigo006.pdf>. Acesso em: 22 de jan. 2017.

_____. **O universo mítico das águas e suas refrações na ficção contemporânea: uma leitura de narrativas de João de Melo, Lobo Antunes e Pepetela.** Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades, v.3, n.XI, out-dez 2004. Disponível em: <<http://publicacoes.unigranrio.com.br/index.php/reihm/article/view/462>>. Acesso em: 19 fev. 2017.

FERREIRA, Murilo da Costa; PEREIRA, Karen Eloá de Assumpção. *A geração da utopia: a influência da tradição oral como estratégia discursiva nos registros da luta pela descolonização.* In: **Revista tabuleiro de letras**, 2015. Disponível em: <www.revistas.uneb.br/index.php/tabuleirodeletras/article/download/1492/1152>. Acesso em: 15 de jan. 2017.

FIGUEIREDO, Mônica do Nascimento. **Por uma geografia literária: O espaço como ficção.** Curso ministrado na disciplina Ficção Contemporânea II (códigos LEV 780 / LEV 880) do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas. Faculdade de Letras/UFRJ, 1º semestre de 2016.

GONDA, Cinda. **Pepetela: a permanência da utopia.** São Paulo: Teia literária, revista de estudos culturais, 2011. Disponível em: <http://static.recantodasletras.com.br/arquivos/3655743.pdf?1336450421>. Acesso em: 20 de jan. 2017.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva.* Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.

LACERDA, Wanilda Lima Vidal de. *O Olhar de Pepetela sobre Angola.* Tese de Doutorado apresentada ao programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba, 2007. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/ppgl/wp-content/uploads/2012/11/images_Wanilda.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2017.

MIRANDA, Maria Geralda de. *A Política da utopia em Pepetela.* In: **Revista Diadorim/Revista de Estudos Linguísticos e Literários** do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, v. 13, 2013.

MORETTI, Franco. **Atlas do romance europeu 1800-1900.** Tradução: Sandra Guardini Vasconcelos. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

PEPETELA. **A geração da utopia.** São Paulo: Leya, 2013.

PEREIRA, Kleyton Ricardo Wanderley Pereira. **O espaço diaspórico nas literaturas africanas de língua portuguesa.** Tese de Doutorado. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2015. Disponível em: <http://repositorio.ufpe.br/bitstream/handle/123456789/15172/Kleyton%20Pereira%20-%20TESE%20Letras-PPGL%20UFPE.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 10 de jan. 2017.

PESSOA, Fernando. *Obra poética em um volume.* Rio de Janeiro: Aguilar Editora, 1965.

SECCO, Carmen Lucia Tindó; CAN, Nazir Ahmed. *De Sombras, Afetos e Assombrações: releituras da história pela ficção contemporânea de Angola e Moçambique*. Curso ministrado na disciplina Ficção Contemporânea III (códigos LEV 781 / LEV 881) do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas. Faculdade de Letras/UFRJ, 1º semestre de 2016.

SILVA, Maria Teresa Salgado Guimarães da. *A presença do cômico na ficção angolana contemporânea: a tarefa de conciliar o inconciliável*. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1997.

XAVIER, Lola Geraldés. *Pepetela: entre a História e a Ficção*. Revista Limite, v.2, 2008. Disponível em: < <http://www.revistalimite.es/volumen%202/limite2%20-%2012%20-%20xavier.pdf>>. Acesso em: 19 jan. 2017.